

Travessuras de um narrador desordeiro: como nomear *A hora da estrela*?

Prof.^a Dr.^a Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha

Resumo

Estas anotações apresentam uma reflexão apreciativa do jogo-brincadeira discursiva emergente do discurso narrativo contemporâneo, do qual Clarice Lispector, em *A hora da estrela*, é tomada como representante-proponente de uma arquitetura textual solapada pelo exercício lúdico, oferecendo – ao mesmo tempo que busca, questiona e desvela – uma feição mais harmoniosa e mais poeticamente lúcida da condição humana, no âmbito das relações entre narrador, autor, personagem e leitor.

Palavras-chave: narrativa contemporânea; enunciação; Clarice Lispector

Abstract

These notes show an appreciative consideration about the game-jobe discursive as a narrative contemporaneous result, in which Clarice Lispector, in *A hora da Estrela*, is taken as a representative-proponent of a textual architecture mined by the ludious exercise, offering at the same time that sezrches, questions and uncovers a more harmonious figure ana aclearer poetically of human condition, in the fiield of relations between the narrator, the author, the character and the lector.

Key-words: conteporaneus narrative, enunciation, Clarice Lispector.

Prof^a. Dr^a. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha

Qualificação:

Graduação em Letras
Universidade Federal de Uberlândia - UFU
Mestrado em Letras
Universidade de São Paulo - USP
Doutorado em Letras
Universidade de São Paulo - USP
Pós-doutorado em Literatura Comparada
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Local de trabalho atual:

Centro Universitário do Planalto de Araxá - UNIARAXÁ

Endereço eletrônico: betinarcunha@uniaraxa.edu.br
betinarcunha@netsite.com.br

Travessuras de um narrador desordeiro: como nomear *A hora da estrela*?

Prof. Dr^a. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha¹

Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê. Vós? (H.E., p. 10)²

Esse fragmento de *A hora da estrela*, retirado da “Dedicatória do autor (Na verdade Clarice Lispector)”, como anunciam os parênteses que completam esse título, antecipa a penosa e ambígua convivência que se estabelece na narrativa contemporânea, especialmente naquela de Clarice Lispector, na qual uma pretensa Introdução à obra – como se poderia deduzir pela prática da produção editorial – transforma-se em um pólo aglutinador de conflitos e tensões da narrativa curta, notadamente aqueles que repousam na concretização de uma atmosfera de pluralidade e esvaziamento de um sentido único, cristalizado e acabado da produção poética “clariceana” e, até mesmo, moderna.

Inicialmente, chama a atenção nesse fragmento, a questão da identidade do sujeito enunciador e da responsabilidade pelo enunciado. Ao

declarar que autor e Clarice são a mesma “pessoa”, o narrador superpõe duas entidades, uma física, outra abstrata, porta-voz do(a) criador(a), enunciador e co-participante do discurso, deixando pressupor que o autor-criador poderia transformar o mundo representado em realista e verdadeiro, identificando-o com o mundo real representante.

Pode-se cogitar que esse narrador em primeira pessoa, ao se denominar autor e, portanto, Clarice Lispector, é, na verdade, uma máscara, um autor “implícito”, segundo Iser ou “empírico”, como prefere Eco (1999:26), diferente do real, constituído pelo próprio texto ao qual pertence, excluindo inclusive o autor real, na sua concretude, visto que deste só se pode apreender sua imagem projetada no texto, no campo da narrativa (Fiorin,1999:65).

Interessante ainda é observar as artimanhas da enunciação e do discurso “clariceano”, que apresentam ao mesmo tempo um narrador explícito – “Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública” – e um outro, narrador implícito – “Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta” – a se digladiarem, simulando uma comunicação no interior do discurso e induzindo à consideração e questionamento da responsabilidade pelos enunciados, visto que, a par do narrador tem-se o enunciador e o interlocutor.

Narrador e interlocutor são instâncias que usam a palavra, que dizem *eu*, como sugere Fiorin (1999:70), e que, portanto, perguntam, exigindo segurança e urgência: “Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê. Vós?”

A interlocução, anunciada pelo narrador ao empregar a 2ª pessoa do plural vós, envolve e alicia o leitor nessa trama discursiva, constituindo assim uma pluralidade de vozes presentes no discurso, que se torna um espaço da diferença e da não identidade, no qual o leitor – agora implícito, conforme Iser (1979:83-133) – intervém indiretamente como produtor de texto e de sentido, tentando articular as respostas surdas e não acalmadas pela fragmentação da experiência moderna, pela existência corroída de angústias sempre apaziguadas, enfim, pelo nada silencioso ou pelo “vazio pleno” que tudo povoa.

É nesse momento e, sobretudo, considerando essa relação antinômica mas, ao mesmo tempo, conivente, na qual “o autor só se

aproxima do herói quando sua própria consciência está incerta de seus valores, quando está sob o domínio da consciência do outro” (Bakhtin,1992:203), que se compreende o exercício lúdico narrador/autor/personagem/leitor, notadamente naquilo que pretende – por razões até mesmo da fragilidade dos laços discursivos, das vozes dialógicas e da falência de um sentido único – fazer viver pelas vias da enunciação discursiva, garantindo a existência e o *status* ontológico.

Talvez por isso, esse narrador – autor implícito – nomeie sua narrativa poética por um grande e pulverizado recorte da observação existencial, cultural, afetiva, social e ontológica, como a delinear, pela atenção nessas relações e elementos paradigmáticos, uma arquitetura textual que reside na articulação de uma nova proposta, ponto de encontro das múltiplas interrogações, negações, “desabafos” e vazios desse narrador que questiona, em consequência, o seu próprio objeto:

Estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte. (H.E., p. 70)

Talvez por isso também esse narrador, sofrido e dolorosamente coibido pelos discursos do mundo, não consiga dar a Macabéa uma identidade, um discurso, um diálogo.”— Olhe, você não reparou até agora, não desconfiou que tudo que você pergunta não tem resposta?” (H.E., p.49), diz Olímpico.

Sofrendo e esperando pela morte, Rodrigo S.M.³ mata Macabéa:

Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis,⁴ morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. (H.E., p.86)

E dialoga com essa morte que não é mais física, mas, sim, existencial. A morte da personagem carrega consigo aquela do narrador porque ambos estão visceralmente ligados, justificando suas existências pelo exercício doloroso da dependência do viver com o Outro, para o Outro, reconhecendo-se no Outro.

Assim, o narrador, ironicamente, se dá conta:

E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir para casa.
Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre⁵. Mas – mas
eu também? (H.E., p.87)

Essa impotência de um narrador, até então superpoderoso, que se descobre refém desse Outro (no sentido “bakhtiniano” do termo) denuncia a multiplicidade de títulos dados à novela pelo autor:

A culpa é minha

Ou

A hora da estrela

Ou

Ela que se arranje

Ou

O direito ao grito

Ou

Quanto ao futuro

Ou

Lamento de um blue

Ou

Ela não sabe gritar

Ou

Uma sensação de perda

Ou

Assovio no vento escuro

Ou

Eu não posso fazer nada

Ou

Registro dos fatos antecedentes

Ou

História lacrimogênica⁶ de cordel

Ou

Saída discreta pela porta dos fundos (H.E., p. 07)

Tais títulos são resultantes de um exercício de intimidade e convivência com os vários papéis que a narrativa exerce, a despeito mesmo de um narrador presumivelmente autônomo e que, no entanto, deposita nesse Outro a construção de sua verdade, de suas respostas. “Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê. Vós?” (H.E., p.10)

Assim, o narrador passa à condição de um angustiado interlocutor, que insiste em sobreviver, exercendo seu “*Direito ao grito*” como forma de reconhecimento de uma existência agônica, cuja “*A culpa é minha*” reflete “*Uma sensação de perda*” dessa realidade social, afetiva e existencial, desagregando o homem moderno, que sabe dizer “*Eu não posso fazer nada*” porque somente promoveu o “*Registro dos fatos antecedentes*” à própria angústia, à vazia plenitude existencial que faz desse ser que se busca uma rápida estrela, com sua trajetória e sua hora: “*A hora da estrela*”, na qual se ouve um “*Assovio no vento escuro*.”

E é esse interlocutor-narrador que, vestido de uma traição e de uma culpa ontológicas

Até tu, Brutus?! [...] Eu estive na terra dos mortos e depois do terror tão negro ressurgi em perdão. Sou inocente! Não me consumam! Não sou vendável! Ai de mim, todo na perdição e é como se a grande culpa fosse minha. Quero que me lavem as mãos e os pés e depois – depois que os untem com óleos santos de tanto perfume. (H.E., p.86)

“mata” Macabéa sem conhecê-la verdadeiramente e sem responder às mais pungentes questões que o incomodam e que, em última análise, poderiam lhe confortar a pulsante ansiedade de uma identidade plural;

Qual foi a verdade de minha Maca? Basta descobrir a verdade que ela logo já não é mais: passou o momento. Pergunto: o que é? Resposta: não é. (H.E., p.85)

uma ansiedade que só se dissolve na fugacidade e leveza de um instante único para, logo em seguida, reinstalar a ambigüidade e a negação

suas – do autor-narrador-personagem-interlocutor – no próprio esforço de capturar uma existência e uma plenitude despistadas na identidade com o nada, com o eterno, com o desconhecido e com o sensível. Esse momento leva a uma “necessária” e inacabada conclusão – tal como o “livro” apontado na epígrafe – dessas indagações que, finalmente, perguntam ao autor sobre o destino de sua obra: Essa é uma possível resposta? A história ganhou corpo, ganhou vida, ganhou autonomia? A “emergência” e a “calamidade pública” continuam seu caminho de devastação em busca de um “vazio pleno”?

Sem dúvida, tal resposta, sentida, pensada, amargada, experimentada e renomeada por um Outro que ousa desvelar algumas faces do caleidoscópio de Clarice Lispector, é, na verdade, a certeza de uma resposta particular, fruto de uma leitura individual, não tendo, em momento algum, a pretensão de negar outras interpretações, tampouco de acrescentar o novo ou o revisitar o eterno que permeiam as lacunas dessa modernidade pungente e fragmentada da escritora.

A leitura aqui proposta soma-se a outras tantas, sedutoras, ambíguas e contundentes, levando a uma meditação – aliás, “a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada” (H.E., p.10) – e deixando uma outra certeza: aquela que, como Clarice, vive-se um eu,

Esse eu que é vós pois não agüento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviado, enfim que é que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno ... (H.E., p. 09)

um eu, enfim, que busca as respostas das mais urgentes interrogações nas interrogações não respondidas de um Outro que complementa a identidade desse homem e convida-o, com seu testemunho, à busca constante da essência original, à busca constante de uma arquitetura existencial, desenhada pelas fissuras e meandros da investigação poética, fincada no vazio da sofrida e densa lucidez da ambigüidade – desordeira e plural - das relações humanas.

Referências

- BAHKTIN, M. (1995). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1993). **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Ed. UNESP.
- _____. (1992). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- ECO, U. (1999). **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Cia. das Letras.
- FIORIN, J. L. (2000). **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática.
- _____. (1999). **As astúcias da enunciação**. 2ª. ed. São Paulo: Ática.
- ISER, W. (1979) **A interação do texto com o leitor**. In: COSTA LIMA, L. (org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LISPECTOR, C. (1999). **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco.
- TADIÉ, Jean-Yves. (1977). **O romance no século XX**. Lisboa: Edições 70.

Notas

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora de Literatura no Curso de Letras do UNIARAXÁ

² As indicações bibliográficas completas serão fornecidas ao final deste trabalho. Observa-se, no entanto, que as referências à obra *A hora da estrela*, serão designadas, salvo indicação em contrário, pela abreviação H.E. seguida pelo número da página.

³ O uso de letras iniciais abreviando os nomes próprios, tal como emprega Clarice Lispector ao referir-se ao narrador, é uma das características marcantes da narrativa moderna e pressupõe a despersonalização do narrador ou dos personagens, mascarando assim, uma identidade que, por si só, já é fragmentada. Vide, nesse sentido, TADIÉ. Jean-Yves. (1977). Quem fala aqui? In: *O romance no século XX*. Lisboa: Ed. 70, p.13.

⁴ Grafado conforme o original.

⁵ Grafado conforme o original.

⁶ Idem.

